

# EUA ANALISAM NOSSA ECONOMIA

O embaixador norte-americano fala bem de nossa economia nos EUA

Brasil

— O Brasil é diferente, sua estrutura econômica básica é diferente e a estrutura de sua dívida externa é diferente.

Essa comparação da situação brasileira com a da Polônia, México, Argentina e outros países que já pediram assistência ao Fundo Monetário Internacional foi feita ontem em Washington a banqueiros e empresários norte-americanos pelo embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Langhorne Anthony Motley, que procurou a todo momento convencer sua assistência, mostrando exemplos, que seria um erro tratar o Brasil da mesma forma que aqueles países.

A conferência, realizada no Departamento de Comércio, versou sobre o tema "O Brasil nos anos 80" e fez parte do seminário "Hemisfério Ocidental: desafios e oportunidades". Motley aproveitará o material de sua palestra para fazer mais duas, uma em Milwaukee, dia 19, em almoço em um clube universitário, e outra, dia 26, perante o Conselho Empresarial da Flórida, em Miami.

## Comparando as dívidas

Em comparação com a situação do México, Argentina e outros países, "o Brasil é diferente", disse. "Sua estrutura econômica básica é diferente e a estrutura de sua dívida externa é diferente. Infelizmente, a forma de compreensão desses elementos mostra a presença de aferição de riscos não diferenciadores, deixando o Brasil na mesma situação que o México, para essas pessoas."

Motley fez a seguinte sugestão: "Façamos agora, a título de argu-

mento, algumas comparações das dívidas — digamos que ambas equivalham a 80 bilhões de dólares. Mas é aí mesmo que a semelhança pára. A dívida brasileira é de longo prazo, distribuída ao longo de oito anos, enquanto que a do México é de curto prazo e com grande parte devida para agora, o que precipitou a crise. A dívida *per capita* do Brasil é de 594 dólares, enquanto que a do México é de 1.113. A dívida do Brasil, como percentagem do Produto Nacional Bruto, é de 26%, enquanto que a do México é de 36%. Portanto, em estrutura de débito, nós temos dois países completamente diferentes".

— É bom dar também uma rápida olhada na economia dos dois países — propôs ele, em seguida. — O México, ungido pelo petróleo, usou os seus lucros para construir uma infra-estrutura necessária. Mas quando os preços do petróleo caíram, a música parou. O Brasil foi atingido com o primeiro e o segundo choques do petróleo na qualidade de grande consumidor de petróleo. Mas ainda conseguiu crescer a 8% ao ano. E conseguiu aumentar suas exportações 18%, ao longo daquele período. Portanto, diferentemente do México, o Brasil tem uma economia diversificada e balanceada, equilibrada, sendo muito mais capaz de se ajustar a choques externos.

Quanto aos desafios que os países industrializados poderão encontrar no trato com o Brasil na década de 80, o embaixador explicou:

## Um vasto mercado

— Se se perguntar ao governo

brasileiro o que mais gostaria de ter, tanto na área de investimentos, como na de comércio, ele muito provavelmente responderia que, na área de investimentos gostaria de ver concretizada uma *joint-venture* com uma entidade brasileira, um mínimo de importação de bens de capital, os financiamentos conseguidos externamente e a criação de um produto que pudesse suprir seu mercado externo, ao mesmo tempo em que pudesse servir ao seu programa de substituição nas importações.

— Na área de comércio — continuou —, isto é, importações para o Brasil, eles estariam primordialmente interessados em financiamentos, especialmente no tipo em que se dá uma entrada e depois tem um retorno, além de esquemas onde fosse possível pagar os bens através de um esquema de trocas com produtos brasileiros, provavelmente *commodities*.

O embaixador norte-americano destacou, ainda, a grande competição existente hoje entre os investidores do seu país e os da Europa e Japão: "No último ano, eu testemunhei muitos competidores americanos perderem para esses países em razão das taxas de juros e do sistema de pagamento/retorno, seguido muito de perto pela transferência de tecnologia".

Concluindo, Motley disse que "o Brasil continua e continuará a ser um vasto mercado, mas, para se ter sucesso, o pensamento criativo na elaboração de acordos ou tratos deve ser usado, a fim de competir com os numerosos investidores europeus e japoneses".